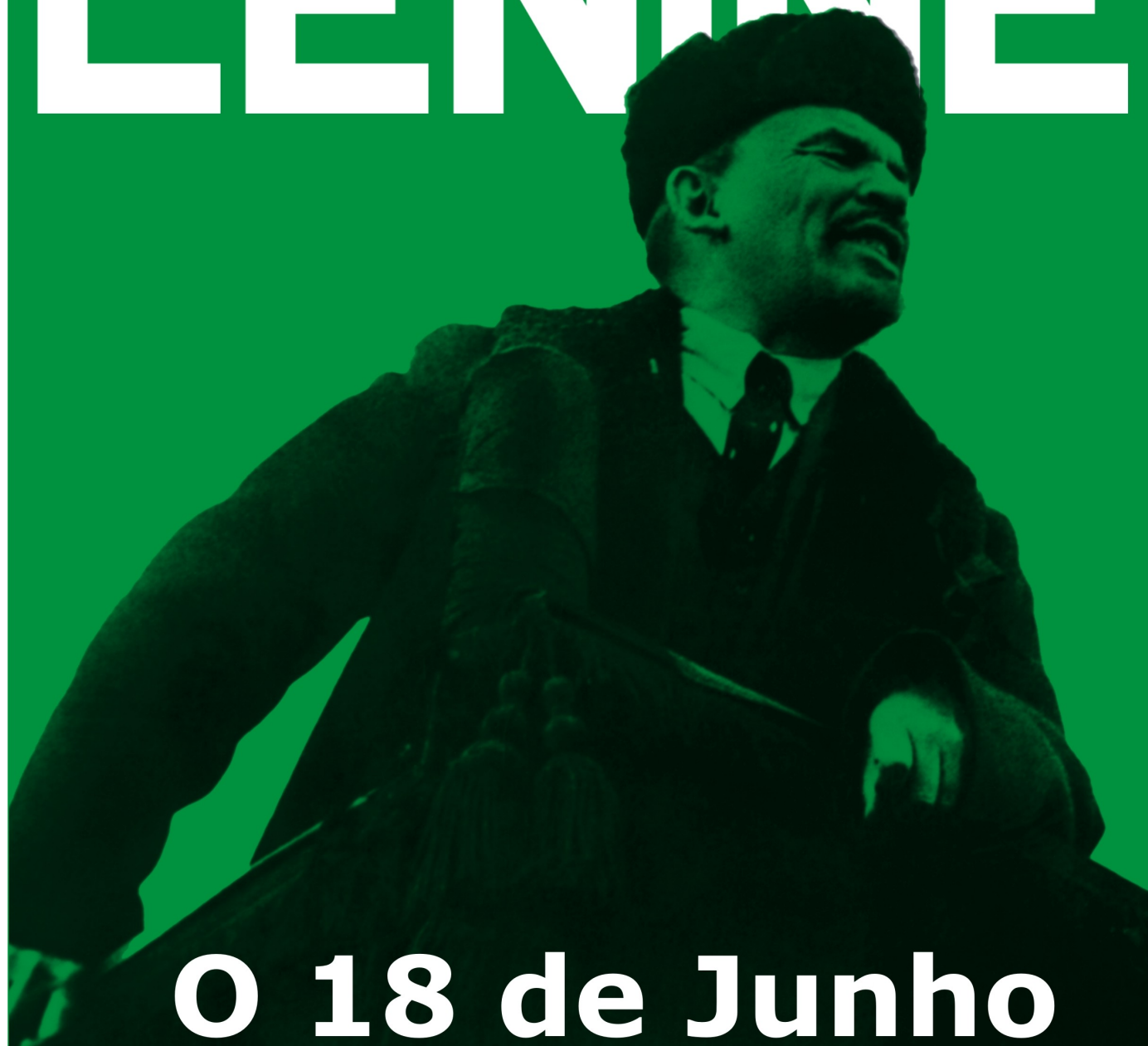


VLADIMIR ILITCH

LENINE



O 18 de Junho
(Junho 1917)

ORGANIZAÇÃO REGIONAL DE LISBOA DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS 

O 18 de Junho

Vladimir Ilitch Lénine
1917

Publicado a 3 de Julho (20 Junho) de 1917
no Pravda n.º 86

Presente tradução na versão das Obras Escolhidas de V.I.Lénine
Edição em Português da Editorial Avante, 1977, t2, pp 112-113
Traduzido das O.Completas de V.I.Lénine 5ªEd. russo t.32 pp.360-362

O 18 de Junho entrará, de um modo ou de outro, na história da revolução russa como um dia de viragem.

A posição recíproca das classes, a sua correlação na luta entre si, a sua força, especialmente em comparação com a força dos partidos - tudo isto se revelou na manifestação de domingo¹ de maneira tão nítida, tão clara, tão impressionante, que, seja qual for o curso e seja qual for o ritmo do desenvolvimento do futuro, o que se ganhou em consciência e em clareza é gigantesco.

A manifestação dissipou em poucas horas, como uma mão cheia de poeira, as palavras ocas sobre os bolcheviques conspiradores, e demonstrou com indiscutível clareza que a vanguarda das massas trabalhadoras da Rússia, o proletariado industrial da capital e as suas tropas, estão, na sua esmagadora maioria, de acordo com as palavras de ordem sempre defendidas pelo nosso partido.

O passo cadenciado dos batalhões de operários e soldados. Aproximadamente meio milhão de manifestantes. A unidade de uma ofensiva de conjunto. A unidade em torno das palavras de ordem, entre as quais tinham enorme preponderância: «todo o poder aos Sovietes», «abaixo os dez ministros capitalistas», «nem paz separada com os alemães, nem tratados secretos com os capitalistas anglo-franceses», etc. Ninguém que tenha visto a manifestação ficou com a menor dúvida sobre a vitória destas palavras de ordem entre a vanguarda organizada das massas de operários e soldados da Rússia.

A manifestação do dia 18 de Junho converteu-se numa manifestação das forças e da política do proletariado revolucionário, que indica a direcção à revolução, que indica a saída do impasse. Nisto reside a gigantesca importância histórica da manifestação de domingo, nisto se distingue fundamentalmente das manifestações no dia do funeral das vítimas da revolução e no dia 1.º de Maio. Aquela foi uma **homenagem** unânime à primeira vitória da revolução e aos seus heróis, um olhar retrospectivo que o povo dirigia sobre a primeira etapa para a liberdade, percorrida tão rápida e tão triunfalmente. O 1.º de Maio foi uma **feira** de desejos e esperanças, ligados à história do movimento operário mundial, ao seu ideal de paz e socialismo.

Nem uma nem outra das manifestações se propunha como objectivo indicar a **direcção** do movimento futuro da revolução, nem podiam indicá-lo. Nem uma nem outra apresentava às massas, e em nome delas, as questões concretas, precisas, actuais, de para onde e como devia prosseguir a revolução.

¹ Trata-se da Manifestação organizada pelo Partido Bolchevique e que teve lugar no dia 18 de Junho (1 de Julho) de 1917. No princípio de Junho a situação em Petrogrado tornou-se mais tensa. A insistência obstinada do Governo Provisório em continuar a guerra, os preparativos da ofensiva na frente, a escassez de víveres, tudo isto causava a indignação dos operários e dos soldados. As massas dispunham-se espontaneamente a descer à rua. Com o propósito de evitar provocações e vítimas desnecessárias, em 8 (21) de Junho, numa reunião de membros do CC do Comité de Petrogrado e da Organização Militar com representantes de operários dos bairros e das unidades militares, foi resolvido, por proposta de Lénine, realizar em 10 (23) de Junho uma manifestação pacífica e organizada. A resolução do CC do Partido Bolchevique sobre a manifestação foi saudada pelas massas e provocou uma grande preocupação tanto no governo como entre os mencheviques e socialistas-revolucionários que decidiram frustrá-la. O I Congresso dos Sovietes de Toda a Rússia, dirigido por eles, na sua reunião da noite de 9 (22) de Junho resolveu proibir durante três dias todas as manifestações de rua. O CC do Partido Bolchevique não quis opor-se à resolução do Congresso dos Sovietes e, por proposta de Lénine, decidiu, na sua reunião da noite de 9 para 10 de Junho, anular a manifestação. Dois dias mais tarde, a direcção socialista-revolucionária-menchevique do Congresso dos Sovietes aprovou uma resolução sobre a realização de uma manifestação no dia 18 de Junho (1 de Julho), isto é, o dia em que as tropas russas iriam começar a ofensiva; os dirigentes dos partidos conciliadores pretenderam demonstrar a confiança das massas no Governo Provisório. Na manifestação do dia 18 de Junho (1 de Julho) participaram aproximadamente 500 000 operários e soldados de Petrogrado. A maioria esmagadora dos manifestantes desfilou com as palavras de ordem revolucionárias do Partido Bolchevique. Só pequenos grupos levavam as palavras de ordem dos partidos conciliadores exprimindo confiança no Governo Provisório. A manifestação evidenciou o crescente espírito revolucionário das massas e a influência e prestígio do Partido Bolchevique. Ao mesmo tempo, ela mostrou o completo fracasso dos partidos conciliadores pequeno-burgueses que apoiavam o Governo Provisório.

Neste sentido o 18 de Junho foi a primeira manifestação política de **acção**, um esclarecimento - não num livrinho ou num jornal, mas na rua, não pelos dirigentes, mas pelas massas -, um esclarecimento de como as diferentes classes actuam, querem actuar e actuarão para levar a revolução por diante.

A burguesia escondeu-se. Numa manifestação pacífica organizada pela evidente maioria do povo, com liberdade de palavras de ordem partidárias e cujo fim primordial era pronunciar-se contra a contra-revolução, a burguesia recusou-se a participar em tal manifestação. É compreensível. É a burguesia que é a contra-revolução. Esconde-se do povo, organiza contra o povo verdadeiras conspirações contra-revolucionárias. Na Jornada histórica de 18 de Junho, os partidos que hoje governam na Rússia, os partidos dos socialistas-revolucionários e mencheviques, revelaram-se com clareza como os partidos da vacilação. As suas palavras de ordem expressavam vacilação e foram seguidas, claramente, aos olhos de todos, por uma minoria. Ficar parado, deixar por ora tudo tal como está: eis o que **eles** aconselhavam ao povo com as suas palavras de ordem, com as suas vacilações. E o povo sentia, e eles sentiam que isso era impossível.

Basta de vacilações, dizia a vanguarda do proletariado, a vanguarda das massas de operários e soldados da Rússia. Basta de vacilações. A política de confiança nos capitalistas, no **seu** governo, nos **seus** vãos esforços reformadores, na **sua** guerra, na **sua** política de ofensiva, é uma política desesperada. A sua falência está próxima. A sua falência é inevitável. Será também a falência dos partidos governantes dos socialistas-revolucionários e mencheviques. A ruína aproxima-se mais e mais. É **impossível** salvar-se dela de outro modo a não ser por medidas revolucionárias da classe revolucionária no poder.

Que o povo rompa com a política de confiança nos capitalistas, que deposite a confiança na classe revolucionária, no proletariado. Nele e só nele está a fonte da força. Nele e só nele está a garantia de que servirá os interesses da **maioria**, os interesses dos trabalhadores e explorados, esmagados pela guerra e pelo capital, capazes de vencer a guerra e o capital!

Uma crise de proporções inauditas se abateu sobre a Rússia e sobre toda humanidade. A única saída reside em confiar no destacamento avançado e melhor organizado dos trabalhadores e explorados, apoiar a sua política. Não sabemos se o povo compreenderá rapidamente esta lição, nem como a porá em prática. Mas sabemos com certeza que, fora desta lição, não existe saída do impasse, que as possíveis vacilações ou atrocidades da contra-revolução não darão nada.

Fora de uma plena confiança das massas populares no seu dirigente, o proletariado, não há saída.